

Negócios com consórcios crescem 22,6% no primeiro trimestre

Sistema alcança recorde de 12,9 milhões de participantes ativos entre janeiro e março, diz ABAC

No primeiro trimestre de 2026, o sistema de consórcios movimentou R\$ 129,16 bilhões em negócios no Brasil, alta de 22,6% em relação aos R\$ 105,38 bilhões registrados no mesmo período de 2025. No intervalo entre janeiro e março, também foram vendidas 1,38 milhão de cotas, avanço de 12,2% frente a 1,23 milhão no ano anterior, de acordo com dados divulgados pela Associação Brasileira de Administradoras de Consórcios (ABAC).

Outro indicador em crescimento foi o número de participantes ativos, que alcançou novo recorde histórico em março. O total chegou a 12,93 milhões de consorciados, aumento de 13% na comparação com os 11,44 milhões registrados no mesmo mês de 2025. Em relação a janeiro de 2022, quando havia 8,21 milhões de participantes, a expansão acumulada foi de 57,5%.

Segundo a entidade, a sequência de crescimento resultou em 50 recordes consecutivos no número de consorciados ativos

em pouco mais de quatro anos, com exceção de abril de 2023.

As contemplações — momento em que o crédito é liberado para aquisição de bens ou serviços — somaram 481,67 mil no trimestre, patamar próximo das 485,57 mil verificadas entre janeiro e março de 2025. Os créditos concedidos totalizaram R\$ 34,29 bilhões, alta de 8,3% sobre os R\$ 31,67 bilhões do ano anterior.

O tíquete médio em março foi de R\$ 97,48 mil, crescimento de 14,5% em relação aos R\$ 85,11 mil registrados no mesmo mês de 2025. Na comparação com março de 2022, quando o valor médio era de R\$ 64,34 mil, a valorização nominal foi de 51,5%. Descontada a inflação acumulada de 21,4% pelo IPCA no período, a elevação real foi de 24,8%. “No primeiro trimestre, notou-se uma retomada mais forte dos negócios, mesmo com pequena influência da desaceleração da economia e inflação em alta. No cenário ge-



Foram vendidas 493,5 mil cotas de consórcios para veículos leves no 1º tri, segundo ABAC

ral, a maioria dos indicadores do Sistema de Consórcios registrou crescimento”, afirmou o presidente-executivo da ABAC, Paulo Roberto Rossi, em nota.

Novas cotas

Em março, foram comercializadas 505,61 mil cotas, terceiro maior volume mensal dos últimos dez anos. Os maiores resultados anteriores haviam sido registrados em outubro de 2025, com 518,18 mil cotas, e em setembro de 2025, com 507,14 mil.

No acumulado do trimestre, as vendas de cotas ficaram distribuídas da seguinte forma: 493,59 mil em veículos leves; 390,93 mil em imóveis; 382,88 mil em motocicletas; 54,36 mil em eletroeletrônicos e outros bens móveis duráveis; 40,61 mil em veículos pesados; e 16,33 mil em serviços.

Entre os segmentos, quatro registraram crescimento nas vendas: eletroeletrônicos e bens móveis duráveis (44,9%), imóveis

(37,3%), serviços (18,9%) e motocicletas (7,2%). Veículos leves ficaram estáveis, enquanto veículos pesados recuaram 10,1%.

Contemplações

Nas contemplações, a divisão setorial foi de 208,02 mil em veículos leves; 181,97 mil em motocicletas; 45,17 mil em imóveis; 28,30 mil em veículos pesados; 9,44 mil em eletroeletrônicos e outros bens móveis duráveis; e 8,77 mil em serviços.

Participantes

Do total de participantes ativos em março, 41,9% estavam em veículos leves, equivalente a 5,42 milhões de pessoas. Motocicletas representaram 25,2%, com 3,26 milhões; imóveis, 22,9%, com 2,96 milhões; veículos pesados, 7%, com 905,36 mil; eletroeletrônicos, 2%, com 253,02 mil; e serviços, 1%, com 132,99 mil.

Mercados

A entidade também estimou a participação do consórcio em

diferentes mercados. No setor de veículos leves, as contemplações corresponderam potencialmente a um em cada três veículos vendidos no país entre janeiro e março. No segmento de motocicletas, a relação também foi de uma moto a cada três comercializadas no mercado interno. Entre os veículos pesados, a participação estimada para caminhões foi de 35%. Somente para veículos automotores, foram liberados mais de R\$ 25,50 bilhões em créditos no trimestre. A participação potencial foi calculada em 34,8% no setor de automóveis, utilitários e camionetas; 31,8% no mercado de motocicletas; e 35% em caminhões.

No segmento imobiliário, no primeiro bimestre de 2026, as contemplações representaram potencialmente 30,1% de participação sobre o total de 101,31 mil imóveis financiados com recursos do Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo (SBPE) e dos consórcios.

Com informações da Folhapress

IGP-M, conhecido como inflação do aluguel, sobe 2,73% em abril e preocupa mercado

O Índice Geral de Preços – Mercado (IGP-M) subiu 2,73% em abril, após registrar alta de 0,52% em março, informou na quarta-feira (29) a Fundação Getúlio Vargas (FGV). Com o resultado, o indicador acumula avanço de 2,93% no ano e variação de 0,61% em 12 meses. Em abril de 2025, o índice havia registrado alta de 0,24% no mês e acumulava 8,50% em 12 meses.

O IGP-M, conhecido como a “inflação do aluguel”, é aguardado por alguns segmentos do mercado pois é utilizado como referência em alguns contratos, tarifas e reajustes.

Para o professor de economia do Ibmec Brasília, Renan Silva, os números são de “saltar aos olhos”, especialmente vindo de uma base de 0,52% no mês anterior. “A preocupação não deve recair sobre o número cheio de 12 meses [0,61%], que

ainda parece baixo, mas sim sobre a velocidade da aceleração recente”.

O Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA-M), componente com maior peso no cálculo do IGP-M, passou de 0,39% em março para 3,57% em abril. No estágio de bens finais, a taxa saiu de 0,70% para 1,35%. O grupo alimentos processados passou de 1,43% para 1,91%. Excluindo alimentos in natura e combustíveis para o consumo, o núcleo de bens finais avançou de 0,42% para 0,59%.

No grupo bens intermediários, a taxa variou de -0,11% em março para 1,25% em abril. O principal movimento veio do subgrupo materiais e componentes para a manufatura, que passou de -0,25% para 1,44%. O núcleo de bens intermediários saiu de 0,20% para 0,64%. Nas matérias-primas brutas, a taxa



IGPM é usado como referência em alguns contratos de aluguel

de 0,58% em março foi para 8,13% em abril. Entre os itens com maiores variações estão minério de ferro, bovinos e soja em grão. Em sentido oposto, apresentaram desaceleração o arroz em casca e aves.

O Índice de Preços ao Consumidor (IPC-M) caiu de 0,80% em março para 0,46% em abril. Das oito classes de despesa pesquisadas, cinco registraram recuo nas taxas de variação: habitação, transportes,

alimentação, despesas diversas e comunicação. Houve alta em educação, leitura e recreação, saúde e cuidados pessoais e vestuário. O Índice Nacional de Custo da Construção (INCC-M) subiu 0,59% em abril, após alta de 0,38% em março. O índice de materiais, equipamentos e serviços passou de 0,41% para 0,51%. O custo da mão de obra variou de 0,34% para 0,67%. “Acredito que o grande vilão seja o IPA, que disparou para 3,57% em abril. É aqui que os conflitos geopolíticos e a instabilidade global mostram sua face mais agressiva. Guerras e tensões internacionais costumam pressionar os preços de energia e matérias-primas básicas” - cita Renan.

Segundo a FGV, o período de coleta de preços para o resultado de abril foi de 21 de março a 20 de abril.